

Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956 (ao lado).



Oscar Niemeyer: curvas e novas formas desenhadas em concreto armado fizeram da Capital Federal um marco da arquitetura contemporânea.

# A LIBERDADE DE CRIAÇÃO NOS ANOS JK

**A Bossa Nova, a poesia concreta, as formas curvilíneas na arquitetura e o cinema novo se originaram no período.**

“O período JK foi marcado pela total liberdade política e ideológica”, diz o poeta Décio Pignatari, introdutor do construtivismo no Brasil ao lado dos irmãos Campos. No embalo do entusiasmo coletivo, nasceram a Bossa Nova, a poesia e arte concreta e as linhas arrojadas da nova arquitetura.

Em dezembro de 56, a poesia concreta aportou em São Paulo através da Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo — ainda sediado à rua 7 de Abril. Logo em seguida, Oscar Niemeyer promovia a estréia das formas curvilíneas em nossa arquitetura. Como precursor do gênero, fez de Brasília a principal vitrine de seu trabalho. Niemeyer tornou-se, rapidamente, uma tendência mundial. Seu mundo de curvas e formas novas desenhadas em concreto armado fizeram da Capital Federal um marco da arquitetura contemporânea. Principalmente a Praça dos Três Poderes, sua “menina dos olhos”. “Minha idéia era fazer primeiro os ministérios, que estavam presos aos problemas da repetição; os prédios deviam ser iguais e de estrutura metálica, que era mais barata. À proporção que fosse chegando à praça,



João Gilberto: o criador da Bossa Nova.

eu iria criando uma arquitetura mais livre”, disse Oscar. “Quando cheguei ao Itamaraty e ao Palácio da Justiça, fugi um pouco da rigidez dos ministérios, fazendo um desenho mais variado. Mas foi na Praça dos Três Poderes que eu me expandi. Joguei mais com a forma, com a estrutura”.

“JK defendia a experimentação, criando condições para todas as manifestações artísticas”, explica Pignatari. Essa liberdade pôde ser conferida também através do lançamento de inúmeras obras “não-tradicionais” pelo Instituto Nacional do Livro. Os

vanguardistas da poesia concreta americana, Ezra Pound e e.e. Cummings, foram traduzidos por iniciativa do Ministério da Cultura. Nos anos JK, ainda foram realizadas duas Bienais Internacionais de Arte (1957 e 1959), o I Festival Internacional de Cinema e os primeiros grandes festivais da MPB.

Segundo Ruy Castro, autor do livro “Chega de Saudade”, o finalzinho dos 50 foi marcado por uma expectativa favorável com relação a quase tudo. “No governo de Juscelino todos viviam, bem ou mal, em pleno estado de direito, nenhum músico

se sentia pressionado a inventar canção de protesto”. Nessa atmosfera, não foi difícil a Bossa Nova encontrar solo fértil para se fixar como movimento da moda. “A Bossa Nova foi um produto típico do governo JK; não era uma matéria-prima, era um produto acabado exportado para o mundo todo, algo inédito até então”, diz Castro.

Para o cinema os anos JK foram de transição. Fim do sonho da Vera Cruz, esgotamento da chanchada, tênues sinais do cinema novo no horizonte. O cinema ia contra a corrente artística da época. Enquanto a música, a arquitetura, a poesia e as artes plásticas elegiam modelos sofisticados, desenvolvimentistas, o cinema vinha com a herança neo-realista. Era o cinema do homem comum, da pobreza material, que teve origem na Itália após a derrota na 2ª Guerra. Nelson Pereira dos Santos bebeu na fonte do neo-realismo e fez “Rio 40 Graus”, seguido por Rio Zona Norte.

A ebulição intelectual ajudou a desenvolver o que seria o embrião do cinema novo. Mas ele surgiu por influência do Centro Popular de Cultura, que preferia o modelo revolucionário de Moncada (e de Fidel Castro) ao desenvolvimentismo de JK.